



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -ICSA
FACULDADE DE ARQUIVOLOGIA

JOÃO PAULO FERREIRA CASTRO

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DE ARQUIVOS FONOGRÁFICOS: um estudo do
acervo de discos de vinil da Fonoteca Satyro de Mello / Fundação Cultural do Estado do Pará

Belém/PA
2022

JOÃO PAULO FERREIRA CASTRO

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DE ARQUIVOS FONOGRÁFICOS: um estudo do acervo de discos de vinil da Fonoteca Satyro de Mello / Fundação Cultural do Estado do Pará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquivologia, do Campus Universitário de Belém, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Tenaglia.

Belém
2022

JOÃO PAULO FERREIRA CASTRO

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DE ARQUIVOS FONOGRAFICOS: um estudo do acervo de discos de vinil da Fonoteca Satyro de Mello / Fundação Cultural do Estado do Pará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquivologia, do Campus Universitário de Belém, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Tenaglia.

BANCA EXAMINADORA:

PROF^a DRA. MÔNICA TENAGLIA
Universidade Federal do Pará (UFPA)
(Orientadora)

PROF. DR. ROBERTO LOPES
Universidade Federal do Pará (UFPA)

ME. MARCELO SCARABUCI
Universidade de Brasília (UnB)

“Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós.” Dedico esse trabalho a Deus, Nosso Senhor, à Maria Santíssima e aos meus pais, Paulo Roberto e Maria das Graças.

AGRADECIMENTOS

Início esse monólogo agradecendo, em primeiro lugar, a Deus Nosso Senhor, presente nas três Pessoas da Santíssima Trindade, fonte de todo Bem e de toda Graça e que, sem a sua infinita misericórdia, não estaria aqui escrevendo essas palavras. Agradeço à Santíssima Virgem Maria, Corredentora de todas as Graças, mãe de Deus e, atrevo-me a dizer, minha mãe, não pelos meus méritos mas, sim, por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quero agradecer a minha Família, minha fonte de inspiração, a minha mãe Maria das Graças, mulher que me ensinou que, somente por meio do sacrifício e do trabalho duro, podemos alcançar nossos objetivos na vida; ao meu pai Paulo Roberto que ensinou-me que a proteção e o cuidado empregado aos seus é valor e dever de um verdadeiro pai de família. As minhas irmãs Camila e Gabriela que me ensinaram, desde cedo, o dever, a responsabilidade e importância do cuidado que um irmão mais velho deve de ter pelos mais novos. Também agradeço aos meus queridos e adoráveis avós Juvenal, Nerita, Raimundo (Vô Leôncio) e Dinair (*in memoriam*), vocês fazem parte da minha vida, muito do que eu sou e que quero levar adiante na minha vida eu devo a vocês. Também agradeço a outros membros da família que contribuíram para o complemento dessa etapa da minha vida, entre eles, minha querida tia Elizabeth e prima Beatriz.

Quero agradecer também a minha orientadora Professora Doutora Mônica Tenaglia, por todos os ensinamentos e conselhos de mãe (praticamente me senti acolhido como um filho rsrs), quero dizer que todos os momentos ao seu lado foram agradáveis; a FAARQ, sem dúvidas, ganhou um excelente reforço com a sua presença ao corpo docente. Professora, sem a senhora, esse trabalho não iria sair do papel!!! Agradeço, também, à banca examinadora deste trabalho, formada pelo Professor Dr. Roberto Lopes e Marcelo Scarabuci, pelas orientações e sugestões, muito obrigado. Aos professores da FAARQ que me ensinaram o caminho das pedras desse campo de estudos que um certo jovem calouro, no ano de 2017, achou que seria impossível de percorrer. Um muito obrigado aos docentes Fernando de Assis, Renata Lira, Gilberto Candido, Cristian Zapata, Iane Maria Batista e Natália Marinho.

Aos meus amigos e companheiros de jornada, pessoas que ficaram comigo do início ao fim deste curso, agradeço a minha querida e amada amiga Bianca Gondim, a primeira pessoa que voltou comigo da UFPA, em uma longínqua e distante semana do calouro no ano

de 2017 (e sim, foi eu que puxei conversa com você e, não, o contrário), obrigado por ser essa pessoa amável e por querer sempre o melhor de mim, mesmo eu sendo, por muitas vezes, cabeça dura, agradeço também por você ser uma das únicas almas viventes que consegue aturar minhas chatices e que, incrivelmente, gosta de conversar comigo em almoços que duram 3 horas ou mais. Agradeço a minha amiga Geovanna Figueiredo, conselheira e parceira nos momentos mais difíceis dessa caminhada, quero você do meu lado pro resto da vida, você é top. Ao meu amigo Wenderson Macdovel, que me ensinou a ser mais paciente e a controlar muito a minha ira nos momentos de estresse (esses momentos também fazem parte da jornada). A minha prima Rafaella da Silva Moia, pelo companheirismo de todos esses anos que levou-nos a fazer o mesmo curso superior. Por fim, quero agradecer aos muitos companheiros e amigos que a FAARQ me presenteou, gente que admiro e que tornaram a jornada mais agradável. Gratidão a Ruan Castro, Lucas Emanuel, Ívella Gonçalves, Luiz Ferreira, Hellen Moraes e Maisa Monteiro e muitos outros companheiros.

Aos meus amigos de outras jornadas, Lisandra, Enndy, Mateus, Inácio, Felipe (vulgo Teddy Picker), aos companheiros da casa de missão Luz da vida, gente enviada por Deus e que trouxeram sentido para centenas que residem na modesta Rua Osvaldo de Caldas Brito / Jurunas (*O povo que Jazia nas trevas viu uma grande Luz. Mt. 4:16*). Um salve especial às irmãs Raiane, Eula, Adriana e Delmise, e aos irmãos Mailson, Roberto, Izidio e ao meu grande amigo irmão Jean.

Por fim agradeço às dezenas de pessoas que fizeram parte dessa história, seja de forma direta ou indireta, da rua, escola, faculdade, estágio, universidade. E, para acabar esse singelo texto de agradecimento, gostaria de citar um trecho marcante do poeta britânico John Donne (1572-1631) e que sintetiza o que tentei transmitir nos parágrafos acima: *“Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado, todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo.”*

*“Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".*

*Quero para mim o espírito desta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:*

*Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.*

*Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo
e a (minha alma) a lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.*

Cada vez mais assim penso.

[...]

Fernando Pessoa

RESUMO

A Fonoteca Satyro de Mello é um espaço cultural, vinculada à Fundação Cultural do Pará (FCP), destinado a oferecer, aos seus usuários, uma gama variada de conteúdos sonoros e que atua como um importante difusor da cultura audiovisual da região Norte. Dentre os suportes disponíveis, o Disco de Vinil é a mídia com maior número de exemplares. Deste modo, o objetivo geral deste trabalho é analisar as medidas e técnicas de Conservação Preventiva aplicadas no acervo de vinis da instituição. Para isso, foi realizado um estudo de caso que se configurou em uma visita de campo e levantamento bibliográfico sobre o tema abordado. Como resultado, foi possível constatar que a Fonoteca possui técnicas e práticas eficazes de conservação preventiva aplicadas aos LPs, porém, observou-se também fragilidades no que diz respeito às boas práticas de conservação desses suportes. Conclui-se que a Fonoteca Satyro de Mello desempenha um papel importante na promoção e preservação do patrimônio fonográfico do Pará e que existem, ainda, muitas possibilidades de pesquisa no âmbito da conservação dos suportes de vinil.

Palavras-chaves: Conservação Preventiva. Fonoteca Satyro de Mello. Discos de Vinil.

ABSTRACT

Fonoteca Satyro de Mello is an important cultural institution and is part of *Fundação Cultural do Pará* (FCP). Its purpose is to offer a varied range of sound collections and acting to promote the audiovisual culture in the North region. Among its collections, the vinyl disc is the media with the highest number of copies. In this way, the main objective of this work is to analyze the conservation and preservation techniques and activities applied by Fonoteca. For this, a case study was carried out, which is configured in a field visit and bibliographic review. As a result, it was possible to establish that Fonoteca carries out important preservation and conservation practices although some areas could be improved. It concludes that the institution plays an important role in promoting the phonographic heritage and future research on vinyl disc conservation can still be developed.

Keywords: Conservation. Preservation. Fonoteca Satyro de Mello. Vinyl Discs.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Centur	Centro Cultural Tancredo Neves
CD	Compact Disc
FCP	Fundação Cultural do Pará
LP	Long Play
MP3	MPEG-1 Layer 3
RPM	Rotações Por Minuto

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Prédio da Fundação Cultural do Pará	29
Figura 02 - Entrada da fonoteca Satyro de Mello	30
Figura 03 - Espaço da fonoteca Satyro de Mello	31
Figura 04 - Discos do acervo da fonoteca	32
Figura 05 - Acervo de discos paraenses	33
Figura 06 - Discos de Artistas regionais	33
Figura 07 - Aparelho de Ar Condicionado no ambiente de armazenamento	34
Figura 08 - Sala de armazenamento restrita aos funcionários do local	35
Figura 09 - Material de proteção dos vinis confeccionada pelos funcionários da fonoteca	35
Figura 10 - Capa de disco sem proteção de polietileno e com sinais de deterioração	36
Figura 11 - Prateleira de madeira que armazena os suportes vinis	36
Figura 12 - Discos armazenados em caixas de papelão no chão	37
Figura 13 - Extintores de incêndio no espaço da fonoteca Satyro de Mello	38
Figura 14 - Pia de higienização dos vinis	38
Figura 15 - escorredor de discos	39
Figura 16 - Reprodutores dos vinis	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DISCO DE VINIL: DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	17
3 CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM DISCOS DE VINIL	21
3.1 Preservação, Conservação e Conservação Preventiva	21
3.2 Conservação preventiva em discos de vinil	22
4 FONOTECA SATYRO DE MELLO: HISTÓRICO E UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA	29
4.1 A Fonoteca Satyro de Mello	29
4.2 Conservação preventiva no acervo de vinis da Fonoteca Satyro de Mello	31
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A – Questionário Para visita à Fonoteca Satyro de Mello	45

1 INTRODUÇÃO

Criado em 1948, o *Long Play* (LP), conhecido no Brasil como disco de vinil, popularizou-se rapidamente nas décadas seguintes, tornando-se o principal suporte sonoro do século XX até o surgimento do *Compact Disc* (CD), na década de 1980. Nas últimas décadas, no entanto, a fabricação dos discos de vinil tem sido retomada, não em larga escala, como na fase anterior, mas para atender a uma demanda de colecionadores e saudosistas do antigo suporte¹.

Localizada na Fundação Cultural do Estado do Pará (FCP) que integra o complexo arquitetônico do Centur (Centro Cultural Tancredo Neves), a Fonoteca Satyro de Mello promove a cultura musical regional, nacional e internacional através da oferta de variados tipos de suportes sonoros, além de promover a realização de eventos temáticos.

De acordo com o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivo (2008, p. 172) o verbete de “fonoteca” significa “Discoteca; Biblioteca Musical”. Nesse contexto, Castro e Oliveira (2016, p. 168) apresentam a Fonoteca Satyro de Mello como possuidora do segundo maior acervo discográfico do Brasil, com cerca de “35 mil vinis catalogados e mais de 1.300 CD’s, contando com videocassetes, partituras e CD-ROM.”

Embora o disco de vinil não seja mais o principal suporte sonoro comercializado pelo mercado fonográfico, os cuidados empregados a esse tipo de suporte não podem ser negligenciados. Sendo assim, técnicas e práticas de conservação são importantes para retardar a degradação do suporte, preservando-o pelo maior tempo possível.

Partindo da compreensão arquivística que dá ênfase à informação, independente do suporte em que ela está registrada, o profissional arquivista emerge como um dos agentes responsáveis por implementar as medidas e técnicas relacionadas à preservação e conservação de suportes, entre eles, o analógico, como o disco de vinil.

A responsabilidade pela preservação e conservação do profissional arquivista está presente na Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de arquivista e de técnico de arquivo no Brasil, cujo artigo 2º, inciso XI, determina que, entre as atribuições do arquivista, está a “promoção de medidas necessárias à conservação de documentos” (BRASIL, 1978, Não paginado).

Quanto ao Vinil, como suporte de informação, a partir de uma perspectiva do campo de estudo arquivístico, este é considerado um suporte especial, diferenciado dos chamados

¹ Maiores informações no site:
<https://www.antena1.com.br/noticias/o-retorno-dos-discos-de-vinil-cada-vez-mais-a>

‘documentos tradicionais’, como o papel, por demandarem “procedimentos técnicos diferenciados de preservação e acesso” (MARIZ; VIEIRA, 2015, p. 300).

Pensando em sua integridade física, as técnicas de conservação em discos de vinil são necessárias para a promoção do retardamento da deterioração do suporte, uma vez que essas mídias são frágeis e passíveis de variados tipos de deformação em sua estrutura. Dentre os fatores de deterioração, estão incluídos os fatores ambientais, como mudanças bruscas de temperatura e umidade relativa do ar, ou ação humana, pelo manuseio do material de forma indevida.

Dessa forma, este trabalho buscou, em primeiro lugar, apresentar a Fonoteca Satyro de Mello, como centro cultural de difusão de informação presente em suportes sonoros, enfatizando o seu acervo de discos de vinil. Em seguida, o trabalho buscou discutir as técnicas e políticas de Conservação Preventiva aplicadas aos discos de vinil pela instituição.

O presente trabalho limitou o seu campo de estudos aos discos de vinil. Essa escolha se deu porque, dentre as mídias existentes no espaço, os vinis se apresentam como o suporte com o maior número de exemplares. Ademais, constatou-se, na visita de campo realizada na instituição, que os discos de vinil são os suportes mais utilizados pelos usuários da Fonoteca, reforçando a importância das técnicas de Conservação Preventiva a esse acervo.

Por se tratar, especificamente, do controle do ambiente externo ao suporte, a aplicação de políticas de Conservação Preventiva parecem ser ideais para o acervo da Fonoteca Satyro de Mello. Ao considerarmos o clima da região Norte, é possível constatar que sua predominância quente e úmida não é particularmente apropriada para uma correta conservação desse tipo de suporte. Por essa razão, um correto controle ambiental torna-se fundamental para a manutenção da integridade física do acervo. Destacamos, ainda, que a adoção de políticas de Conservação Preventiva apresenta-se, relativamente, como mais baratas e menos prejudiciais ao suporte, se comparada a outras formas de preservação, uma vez que o seu foco se dá, como dito anteriormente, na manutenção do ambiente que circunda o objeto e, não, em uma ação direta no suporte.

O objetivo geral do trabalho foi analisar as medidas e técnicas de Conservação Preventiva aplicadas aos discos de vinil da Fonoteca Satyro de Mello.

Para atingir o objetivo geral do trabalho, foram realizados os seguintes objetivos específicos:

a) Compreender como o disco de vinil é abordado pela Arquivologia e contextualizar a história deste suporte;

b) Compreender as práticas de conservação, preservação, restauração e conservação preventiva, além de apresentar as especificidades das práticas de conservação preventiva em suportes de vinil;

c) Apresentar a Fonoteca Satyro de Mello como difusora de suportes sonoros, enfatizando seu acervo de vinil e analisando as práticas de Conservação Preventiva adotadas pelo local.

Por fim, a justificativa apresentada para a produção deste trabalho está atrelada à importância da Fonoteca Satyro de Mello para a cultura audiovisual da região Norte, uma vez que o espaço possui um rico acervo de discos de caráter único e que não foram digitalizados, fazendo com que, uma eventual perda ocasionada pela má conservação desse acervo, acarrete prejuízos de valor incalculável. Também foi possível identificar uma ausência de trabalhos acadêmicos na área da Arquivologia relacionados à temática da Conservação Preventiva em discos de vinil². Dessa forma, esse trabalho visa contribuir para a promoção do tema no espaço acadêmico.

Por fim, a justificativa pela escolha do tema do trabalho está atrelada à realização de cursos e oficinas em Preservação e Conservação que realizamos no Centur nos últimos anos. Essas experiências possibilitaram a familiarização com o seu rico acervo sonoro, despertando curiosidade e um interesse pessoal, atrelado ao valor cultural, encontrado no espaço que nos levou a tentar compreender as formas mais adequadas de preservar os discos de vinil.

Quanto à metodologia, o trabalho realizou um estudo de caso que, segundo Gil (2002, p. 54), é definido como um “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Os meios para a realização do trabalho compreenderam entrevistas, visitas de campo, análise qualitativa de dados coletados, além de levantamento bibliográfico.

A seguir, apresentamos a definição do suporte de discos de vinil à luz da Arquivologia e contextualizamos o surgimento deste suporte.

² Na Faculdade de Arquivologia (FAARQ) da Universidade Federal do Pará, foi desenvolvido um trabalho de conclusão de curso (TCC), cuja temática se aproxima deste trabalho e que resultou em artigo científico. Ver: GUIMARÃES, M. N.; SANTOS JÚNIOR, R. Estratégias de preservação no acervo em disco de vinil na Fonoteca Satyro de Mello. *Folha de Rosto*, v. 6, n. 3, 28 dez. 2020, p. 128-140. Disponível em: <<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/512>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

2 DISCOS DE VINIL: DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O suporte vinil é caracterizado como um suporte analógico, criado em meados da segunda metade do século XX, com objetivo de gravar e reproduzir informações por meio de ondas sonoras. No campo da Arquivologia, este suporte é inserido entre os chamados ‘documentos especiais’ que, por sua vez, são compreendidos como:

Documento em linguagem não-textual, em suporte não convencional, ou, no caso de papel, em formato e dimensões excepcionais, que exige procedimentos específicos para seu processamento técnico, guarda e preservação, e cujo acesso depende, na maioria das vezes, de intermediação tecnológica (CUNHA; CAVALCANTE, 2008, p. 134).

Dentre os documentos especiais, destacamos os CDs, discos, microfilmes, VHS, fotografias, documentos eletrônicos, entre outros. Mariz e Vieira (2015, p. 288) afirmam que a noção de documentos especiais tem origem no surgimento de novas tecnologias de registros de informação que se diferenciavam do suporte tradicional, o papel.

Os documentos especiais também são definidos como “arquivos especiais”, para Brito (2012, p. 128), o termo é utilizado com a finalidade de “identificar os documentos produzidos ou recebidos que possuem diferentes tipos de suportes”.

É pertinente falar que a disciplina arquivística passou a considerar tais tipos de documentos como parte de seu escopo de atuação de forma tardia, conforme afirma Rousseau; Couture (1998, p. 227):

Durante muito tempo, [a Arquivologia esteve] preocupada apenas com os documentos em suporte de papel e em particular com os documentos textuais [...]. Considerados como documentos especiais, a maior parte das vezes estes eram reunidos em coleção ou confiados a especialistas de outras áreas, pouco iniciados nos princípios arquivísticos (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 227).

Cook (2012, p. 4) afirma que essa resistência foi decorrente da Arquivologia ser “uma profissão enraizada no Positivismo do século XIX”, fato que, segundo o autor contribuiu para engessar suas práticas em “metodologias que não são mais viáveis em um mundo pós-moderno e informatizado” (COOK, 2012, p. 4).

Rousseau e Couture (1998, p. 227) observam que essa realidade começou a mudar, a partir das décadas de 1960 e 1970, quando os arquivistas passaram a se “interessar verdadeiramente pela questão da inclusão dos documentos não-textuais nos seus respectivos fundos de arquivo”.

Dentre os documentos especiais, destacamos o disco de vinil, caracterizado como um suporte sonoro em formato plano e desenvolvido para registrar informações por meio da propagação de ondas sonoras.

Os primeiros registros de patentes e invenções de aparelhos reprodutores de sons de forma compacta datam da segunda metade do século XIX, a exemplo da invenção do fonográfo, em 1860³, o fonógrafo, em 1877 (De Marchi, 2005, p. 7) e o gramofone em 1888 (De Marchi, 2005, p. 8).

Nos anos que seguiram a sua criação, o gramofone destacou-se como o principal suporte sonoro distribuído e comercializado pelo mercado fonográfico. Esse destaque foi decorrente de sua superior qualidade em relação aos outros suportes então existentes.

Silva (2019, p. 13) ressalta que a grande vantagem dos suportes em disco plano (gramofone), em relação aos cilindros do fonógrafo, foi a sua “maior resistência e uma capacidade maior para gravações.” Ademais, o fonógrafo, conforme Gomes (2014, p. 76), constituíam-se em “gravações em cilindro [que] não podiam ser replicadas”. Ou seja, as gravações de som inseridas em um cilindro de fonógrafo eram únicas, fato que impossibilitava uma linha de produção em escala comercial.

Gomes (2014, p. 75) afirma que, com o surgimento dos discos, “estabelecia-se no início do século XX um novo modelo de consumo, no qual o gramofone tornava-se um instrumento de reprodução que demandava a compra de discos”.

Entre o final do século XIX à primeira metade do século XX, os principais suportes sonoros em formato de disco eram, em sua maioria, produzidos de materiais como acetato e goma-laca. Segundo Brito (2012, p. 135), os discos compostos de acetato eram “desenvolvidos para a reprodução musical, permitiam gravações instantâneas, pois sua composição química aliava facilidade de impressão e qualidade de gravação”. Os discos de gramofone, que tinham em sua composição a goma-laca, possuíam o diâmetro correspondente a 25 cm ou 10 polegadas que giravam a uma velocidade de 78 rpm (rotações por minuto).

Em relação às limitações técnicas, os discos de gramofone possuíam uma latente deficiência quanto à capacidade de armazenamento de informação. Piccino (2016, p. 15) ressalta essa desvantagem ao afirmar que os discos de 78 rpm possuíam a capacidade de armazenar canções de, em média, 3 minutos em cada um dos seus lados, totalizando cerca de 6 minutos de informação em um único suporte:

A rotação inicial de 76 RPM, mais tarde padronizada em 78, faz com que cada disco comporte em média 3 minutos de gravação em cada lado, o que na maioria dos casos é preenchido com uma só música no tamanho padrão de 10 polegadas. A

³ Maiores informações no site:

<https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2020/08/ouca-mais-antiga-gravacao-da-voz-humana-feita-em-1860.html>. Acesso em: 16 jun. 2022.

gravação dos dois lados significa portanto um produto com o dobro de duração (PICCINO, 2016, p. 15).

Pensando nessa limitação, a partir da década de 1920, a indústria fonográfica passou a desenvolver mecanismos que proporcionassem um maior armazenamento de informação nos suportes sonoros. Nesse período, o cientista norte-americano Waldo Simon desenvolveu a fórmula do composto que ficou conhecido como Policloreto de Vinila (PVC).

Entre outras finalidades, o PVC passou a ser utilizado na fabricação de discos fonográficos. Porém, em um primeiro momento, a sua utilização a nível comercial não se perpetuou, limitando-se a apenas alguns selos, como o brasileiro *Tinger “Inquebrantável”* (PICCINO, 2016, p. 18).

Em 1948, uma nova mídia sonora, composta de PVC, se consolidou no mercado: o *Long Play* (LP) ou Disco de Vinil, desenvolvido pelo engenheiro e funcionário da Columbia Records, Peter Goldmark.

O *Long Play* (Longa Duração) constitui-se em um suporte sonoro em formato de disco que, se comparado aos seus antecessores compostos de acetato e goma-laca, apresentou uma velocidade de reprodução mais baixa (45 rpm), possibilitando uma maior capacidade de armazenamento em um único suporte.

Quanto ao tempo de duração dos discos de vinil, Piccino (2016, p. 20) enfatiza que os LPs possibilitaram a gravação de 15 a 20 minutos de conteúdo em rotação de 33 1/3 rpm, em cada lado, em contraste dos 4 minutos de conteúdo no sistema de 78 rpm dos formatos anteriores. O fato dos LPs possibilitarem uma maior capacidade de armazenamento, segundo Piccino (2016, p. 20), permitiu aos artistas “gravar de oito a dez músicas ao invés das duas do sistema anterior que, além da flexibilidade maior de tempo nas composições (pode-se então ouvir uma sinfonia inteira sem intervalos para trocar oito vezes de disco)”.

Nos anos posteriores, o LP estabeleceu-se como principal suporte sonoro a partir do surgimento de um fenômeno que modificou a forma de se consumir música, tem-se início a cultura do “Álbum Conceitual”. Dantas (2005, p. 7) define a ideia de álbum como o “conjunto das canções, da parte gráfica, das letras, da ficha técnica e dos agradecimentos lançados por um determinado intérprete com um título, uma espécie de obra fonográfica”.

Esse fenômeno produziu uma cultura estética que ultrapassou as barreiras sonoras e se refletiu nos conceitos artísticos presentes nas capas dos discos e em outros aspectos que elevaram o status dos LPs, tornando-os objetos colecionáveis e considerados como obras de arte. Sob essa perspectiva, De Marchi (2005, p. 13) afirma que:

Com o surgimento da estética do álbum, os discos passam a serem vistos como obras de arte em si. Com os trabalhos de design dos discos, durabilidade do formato – o vinil é mais resistente do que a goma-laca – e a promessa de alta-fidelidade do sistema estéreo, o LP passa a ser consumido como livros, ou seja, um suporte fechado passível de coleção em discotecas privadas – com status de objeto cultural, afinal, julga-se a cultura musical de uma pessoa pela discoteca que possui. (DE MARCHI, 2005, p. 13).

A cultura do Álbum Conceitual tornou-se o “carro-chefe da indústria fonográfica, principalmente no final da década de 1960 até meados dos anos 1970, e foi responsável pela gradual perda de popularidade do formato single (Gomes 2014, p. 77)”.

Dantas (2005, p. 8) observa que a Era dos discos conceituais é embalada por obras como *Sargent Peppers Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, e *Tommy*, da banda The Who. Já, no Brasil, o lançamento de *Tropicália ou Panis et Circencis*, foi fundamental para a consolidação do formato do Álbum Conceitual (DANTAS, 2005, p. 8). No cenário paraense, o mercado fonográfico regional, a partir da década de 1970, é embalada por ritmos como o carimbó, a guitarrada e o brega, destacando artistas como Pinduca, Teddy Max, Mauro Cotta, Roberto Villar, entre outros.⁴

Entre 1980 e 1990, o suporte vinil entrou em declínio após a ascensão de um novo formato de mídia sonora, o *Compact Disc* (CD). Como atributos e vantagens do CD, De Marchi (2005, p. 13-14) destaca este como um “suporte digital de reprodução, feito em alumínio, menor e mais leve que um 45 r.p.m. e com a capacidade para comportar aproximadamente setenta minutos de música, sobre a mesma superfície”.

Todavia, a era dos CDs não se mostrou tão longeva quanto a dos discos de vinil. Durante a década de 1990, ocorreu o advento de novas mídias digitais que facilitaram a transferência de informação por meio das chamadas “tecnologias de rede” (DE MARCHI, 2005, p. 14). Dentre esses formatos, Dantas (2016, p. 9) destaca o *MPEG-1 Layer 3*, mais conhecido como MP3. Esse dispositivo caracterizou-se como um formato de arquivo eletrônico que se popularizou de forma estrondosa, mudando o modo de consumir música, possibilitando o compartilhamento de forma prática e dinâmica por meio da internet, removendo a hegemonia das vendas das gravadoras e possibilitando a prática da pirataria.

É nesse período que ressurge o consumo dos discos de vinil, fato que, no Brasil, contribuiu para a reabertura de fábricas de vinis, como a Polysom, em 2009, voltado a um “mercado segmentado” (QUINES, 2012. p. 97) que abrange um público específico de consumidores.

⁴ Maiores informações no site: <https://papodehomem.com.br/brega-e-tecnobrega-paraense-uma-viagem-pai-d-egua-em-40-musicas/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

3 CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM DISCOS DE VINIL

As técnicas de conservação preventiva são importantes ferramentas para a preservação física dos discos de vinil e, conseqüentemente, da informação contida nesses suportes. Sendo assim, este capítulo apresenta algumas definições de conservação, preservação, restauração e conservação preventiva, além de técnicas específicas para a salvaguarda do suporte disco de vinil.

3.1 Preservação, Conservação e Conservação Preventiva

Para Silva (2008, p. 36), a prática de preservação é caracterizada por “toda ação que se destina a salvaguardar ou a recuperar as condições físicas, proporcionando permanência e durabilidade aos materiais dos suportes, possibilitando a disseminação da informação”.

Por sua vez, Cloonan (2016, p. 108) compara a preservação realizada no campo de estudos arquivísticos com um guarda-chuva que abrange várias práticas, cujo objetivo é assegurar a integridade de acervos em um nível global:

Na arquivística e na biblioteconomia, a preservação é um guarda-chuva que inclui a conservação – o processamento físico dos objetos com base em princípios científicos profissionais – assim como outras atividades que buscam cuidar de acervos num nível global. (CLOONAN, 2016, p. 108).

Silva (2005, p. 181) considera a preservação como um campo interdisciplinar que “incorpora as áreas de restauração (recuperar), conservação (salvaguarda) e conservação preventiva”.

As práticas de restauração e conservação, apesar de possuírem conceitos e atividades diferentes, possuem ações convergentes e objetivos correlatos:

A restauração e a conservação são, hoje, entendidas como ações corretivas que intervêm na estrutura dos materiais, para melhorar o seu estado físico. Ambas implicam tratamento individual, obra a obra, item a item (SILVA, 2005, p. 180).

Sobre os objetivos específicos de cada método, Silva (op. cit., p. 180) descreve a conservação como:

Intervenção na estrutura dos suportes com o objetivo de assegurar uma vida mais longa possível, possibilitando o acesso físico do documento a gerações futuras. É uma intervenção direta que deverá aumentar a esperança de vida do bem patrimonial, esteja ele em bom ou mau estado (SILVA, 2005, p. 180).

Ao passo que, a respeito da restauração, define:

intervenção na estrutura dos suportes com o objetivo de recuperar, o mais próximo possível, as condições originais desse suporte. É, também, uma ação direta que deverá valorizar o sentido, o significado, a mensagem do bem patrimonial em mau estado (SILVA, op. cit., p. 180).

Se a Restauração e Conservação são ações que buscam a preservação dos documentos a partir de intervenções diretas nos objetos, ou seja, com aplicação de metodologias e práticas no próprio objeto que se pretende preservar, a Conservação Preventiva é constituída por ações que têm por objetivo preservar e retardar a deterioração de objetos de forma indireta, ou seja, com estratégias que não são aplicadas diretamente no objeto e, sim, no ambiente onde está armazenado.

Pessi (1997, p. 17) define a conservação preventiva como “qualquer medida que previne estragos em acervos ou reduz seu potencial”. O seu foco principal não são os objetos individuais e, sim, em coleções como um todo. Além disso, suas práticas não estão focadas no tratamento direto do acervo, mas, no manuseio, arquivamento e ambiente onde ele se encontra:

A conservação preventiva pode ser definida como qualquer medida que previne estragos ou reduz seu potencial. Dá-se preferência aos acervos e não à objetos individuais, e ao não-tratamento do que ao tratamento. Em termos práticos, o manuseio, o arquivamento e a utilização dos acervos, incluindo planos de emergência, são elementos críticos na metodologia de conservação preventiva (PESSI, 1997, p. 17, 18).

Silva (2005, p. 180), descreve a prática de Conservação Preventiva como:

A conservação preventiva implica melhorias e controle do meio ambiente na área de guarda dos acervos, no acondicionamento, na armazenagem e no uso dos documentos com o objetivo de retardar o início do processo de degradação dos suportes. É uma intervenção indireta, preventiva, que considera a totalidade do acervo e dos agentes humanos (técnicos e usuários), sendo, pois, um tratamento realizado no e em função do conjunto do acervo (SILVA, 2005, p. 180).

Para Buarque (2008, p. 45), a Conservação Preventiva está baseada no controle de cinco elementos principais: umidade, temperatura, poeira, radiação ultravioleta e o campo magnético.

Sendo assim, a Conservação Preventiva reserva suas atenções a questões que envolvem o ambiente onde se encontra o acervo, dando ênfase a um correto manuseio e armazenamento dos suportes, além de um controle de todos os agentes externos que porventura podem causar algum tipo de degradação.

3.2 Conservação preventiva em discos de vinil

As práticas de Conservação Preventiva reservam suas atenções às questões que envolvem o ambiente. Por essa razão, esta subseção foi construída a partir das seguintes temáticas: controle do ambiente (agentes físicos e biológicos), armazenamento, acondicionamento e manuseio, além da digitalização.

- Controle do ambiente

O controle ambiental é um fator importante quando o assunto é a conservação de discos de vinil. Laurent (2001, p. 20) afirma que “um ambiente apropriado para o armazenamento de registros sonoros é essencial para retardar os mecanismos de degradação”. Dentre os fatores ambientais, o controle da temperatura é um agente importante e que merece destaque pois os discos de vinil são negativamente afetados pela luz ultravioleta e por variações térmicas (flutuações de calor), ocasionando deformações cumulativas e irreversíveis na superfície do suporte (LAURENT, p. 21).

Quanto à falta de controle da umidade relativa do ar, Laurent (2001, p. 21) afirma que os discos de vinil são “resistentes ao crescimento de fungos e não são afetados por elevados níveis de umidade”. Porém, destacamos que as capas que armazenam os LPs são compostas de materiais derivados de papel que, expostos a ambientes propícios à proliferação de fungos, podem sofrer algum tipo de deterioração.

Cassares (2000, p. 17) afirma que os fungos fragilizam o papel, causando “manchas de coloração diversas e intensas de difícil remoção”. Sendo assim, mesmo não afetando o suporte em si, os cuidados necessários ao controle da umidade relativa do ar são importantes para a preservação dos vinis como um todo.

Para evitar problemas de variação de temperatura e umidade, Buarque (2008, p. 45) recomenda manter esses elementos em níveis baixos e estáveis, sempre sob controle. Para o autor, os padrões ideais de temperatura e umidade para os documentos audiovisuais são de “25-30% de umidade relativa (UR) e 10°C de temperatura”, mas salienta que esses parâmetros são “muito pouco viáveis em países tropicais, em função do alto custo para a climatização dos ambientes” (BUARQUE, op. cit, p. 46). Por essa razão, Buarque sugere adoção de um “parâmetro que se possa manter 24 horas por dia, durante todo o ano, com mínimas variações de temperatura e umidade relativa” (BUARQUE, op. cit., p. 46).

Por fim, Cassares (2000, p. 15) recomenda o uso do aparelho “termo-higrômetro”, este sendo um equipamento utilizado para medir a umidade e temperatura do ambiente de forma simultânea.

Outro problema relacionado ao controle ambiental é o relacionado a proliferação de poeira que, em contato com os discos de vinil, pode gerar graves problemas para a integridade do suporte. Laurent (2001, p. 16) salienta que, por ser abrasiva, a poeira, em contato com os discos de vinil em reprodução pelos aparelhos de toca-discos, pode marcar as referidas paredes (sulcos do LP) do suporte de forma permanente:

A poeira é abrasiva e, combinada à pressão exercida sobre as paredes das ranhuras pela agulha, pode marcar as referidas paredes de forma permanente; pior ainda, a poeira pode ser permanentemente incorporada ao plástico. Apenas um pequeno ponto da agulha faz efetivamente o contato com as paredes das ranhuras. Um grama e meio, o peso da agulha, pressionado sobre uma superfície tão minúscula, se traduz em várias toneladas de pressão por polegada quadrada. O arrasto resultante gera calor suficiente para que o plástico se funda parcialmente (embora não o suficiente para se deformar), causando um fluxo microscópico em torno da agulha, no qual a poeira pode ficar alojada (LAURENT, 2001, p. 16).

Silva (2019, p. 21) alerta que esse elemento pode “ficar incorporado permanentemente nas ranhuras do disco, causando distorção do sinal transmissor, tiques, estalos e qualidade de som inferior”. Os discos de vinil podem ficar tão sujos e arranhados a ponto de serem praticamente impossíveis de ouvir”.

Para evitar o problema, recomenda-se a limpeza do local de armazenamento e do suporte, a partir de técnicas e materiais específicos.

- Armazenamento e acondicionamento

O disco de vinil é um objeto maleável e, se comparado a outros suportes sonoros, se apresenta como sendo o “mais estável dos materiais que foram utilizados na fabricação de registros sonoros” (LAURENT, 2001, p. 13).

Por serem maleáveis, os discos de vinil são “vulneráveis a danos mecânicos, como arranhões (Buarque, 2008, p. 41)”. Por essa razão, para evitar que os vinis venham a sofrer com eventuais deformações, Laurent (2001) faz algumas recomendações: não colocar objetos pesados sobre os discos de vinil ou uns sobre os outros e armazená-los de forma vertical. Em relação aos encartes dos discos, Kafure e Scarabuci (2009, p. 149) afirmam que “a grande maioria das capas de discos são feitas de papelão, um material extremamente ácido que, ao se desintegrar, solta fragmentos que entram nos sulcos dos discos”.

Silva (2019) recomenda que a capa original ou invólucro interior do disco de vinil seja substituído por sacos de polietileno ou capas de papel neutro, caso estejam deteriorados.

Manini (2016, p. 30) também recomenda que cada disco, em uma coleção, deve ser “colocado em envelope de polietileno (aquele plástico que sempre embala os discos de vinil)”. De acordo com Silva (2019, p. 20), isso evitará que, tanto a capa quanto o disco, entre em contato com algum tipo de material estranho, como “óleos das impressões digitais, adesivos e fuligem, [...] poluentes do ar, como a fumaça do cigarro”.

Silva (2019, p. 24) orienta que os suportes sejam acondicionados em “capas individuais colocadas diretamente em uma prateleira em posição vertical ou em capas agrupadas dentro de caixas de arquivo, na posição vertical, também em uma prateleira”.

Manini (2016, p. 30) afirma que as caixas contendo os vinis devem ser “guardadas verticalmente, em estantes de madeira tratada ou em armários de metal tratados com tinta polimerizada”. Por sua vez, Ribeiro (2016) aconselha que os discos de vinil não sejam acondicionados em prateleiras de madeira que são propensas à absorção de umidade e proliferação de fungos, recomendando o uso de estantes de aço ou arquivos deslizantes:

É importante lembrar que as prateleiras para suportar essas caixas não devem ser de madeira, pois absorve de forma considerável a umidade do ar, sendo interessante acondicioná-las em estantes de aço, arquivo deslizante, ou prateleiras de vidro espesso para suportar o peso e trazer segurança ao usuário e ao acervo (RIBEIRO, 2016, p. 17).

Questões relacionadas à segurança dos acervos também são importantes, pensando nesse assunto, Cassares (2000) recomenda que seja adotada uma “política de proteção, mesmo que seja através de um sistema de segurança simples”, dentre as recomendações, a autora ressalta que:

O recomendado é que se tenha uma só porta de entrada e saída das instalações onde se encontra o acervo, para ser usada tanto pelos consultantes/pesquisadores quanto pelos funcionários. As janelas devem ser mantidas fechadas e trancadas. Nas áreas destinadas aos usuários, o encarregado precisa ter uma visão de todas as mesas, permanecendo no local durante todo o horário de funcionamento. As chaves das salas de acervo e o acesso a elas devem estar disponíveis apenas a um número restrito de funcionários. É importante que os pertences dos usuários e pesquisadores, como casacos, bolsas e livros, sejam deixados fora da área de pesquisa (CASSARES, 2000, p. 23).

Deve-se atentar para questões relacionadas à segurança física dos prédios onde os vinis são armazenados. Para tanto, devem ser observadas questões sobre a manutenção periódica das instalações elétricas, controle de incêndio, com a instalação de extintores e *sprinklers* em pontos estratégicos do prédio, além de políticas que visem o controle contra alagamentos. Outra recomendação é a realização de vistorias sistemáticas para analisar a situação do ambiente e identificar eventuais irregularidades que possam ocasionar possíveis desastres.

- Manuseio e limpeza dos discos de vinil

O correto manuseio de discos de vinil é uma atividade vital para a conservação desses suportes, uma vez que, por ser um suporte mecânico, um simples arranhão ocasionado pelo descuido no seu manuseio, pode levar à perda da informação nele contida.

Silva (2019, p. 24) recomenda que o usuário deve “possuir um certo treinamento específico, já que este tipo de suporte é muito suscetível a danos físicos”. Para manusear um disco de vinil de forma correta, Laurent (2001, p. 17), recomenda colocar o “polegar em sua borda exterior e o resto dos dedos da mesma mão sobre o rótulo central, para um melhor

equilíbrio”.

O ato de colocar os discos no aparelho requer cuidados simples e importantes. Laurent (2001, p. 17) recomenda que se use “ambas as mãos para posicionar o disco na vitrola” e Silva (2019, p. 22) observa que os discos sejam “limpos antes e depois de cada reprodução, pois a poeira e sujeira podem afetar o som da gravação, além de causarem mais danos ao suporte”.

Buarque (2008, p. 41) afirma que “utilizar bons equipamentos, corretamente alinhados, contribui tanto para a qualidade do sinal reproduzido, quanto para a integridade dos suportes”. Além disso, equipamentos antigos são mais suscetíveis a quebras e defeitos, e, por serem equipamentos obsoletos, suas manutenções se tornam mais difíceis e caras.

Silva (2019) alerta, também, para os cuidados referentes à limpeza dos discos de vinil, nesse sentido, o autor afirma que “os danos referentes ao manuseio, podem ocorrer durante a limpeza”, e recomenda os seguintes materiais:

pincéis de fibra de carbono para fazer a limpeza, que deve ser feita em movimento circular, na direção das ranhuras. Água destilada (não água da torneira, pois deixará para trás depósitos minerais) e um pano macio e sem fiapos também é um outro método comum de limpeza (SILVA, 2019, p. 22).

O autor ainda afirma que o objetivo da limpeza é “estabilizar o suporte e remover qualquer contaminação que impeça uma melhor reprodução possível do disco, tomando cuidado para não inserir nenhum produto que irá prejudicar o suporte a longo prazo” (SILVA, 2019, p. 22). Kafure e Scarabuci (2009, p. 149) lembram que nunca devem ser utilizados “abrasivos nem qualquer substância que possa atacar o suporte ou precipitar sua degeneração”.

Laurent (2001, p. 18) recomenda que, para a limpeza dos vinis, faça-se uso de máquinas como a Keith Monks, VPI, Nitty Gritty, embora o uso desse tipo de equipamento seja inviável para a maioria das pessoas que queiram conservar esses suportes. Como alternativa mais acessível, Manini (2016) recomenda a utilização de “xampu neutro infantil” e “escova de cabelo de bebê (cerdas macias) embebida em água destilada”.

Em primeiríssimo lugar, deve-se fazer todo o registro das informações contidas no selo do disco, para evitar perdas causadas pelo banho. Em seguida, aplica-se uma pequena gota de xampu neutro infantil sobre um dos lados do disco. Esfrega-se com escova de cabelo de bebê (cerdas macias)¹⁵ embebida em água destilada, fazendo movimentos circulares, no sentido dos sulcos do disco. Repete-se esse movimento do outro lado do disco (avaliando a necessidade ou não de aplicação de mais uma gota de xampu, a depender do estado de sujidade do material). Depois de ensaboado, o disco deve ser enxaguado em água destilada abundante, de forma a remover qualquer sinal de xampu (MANINI, 2016, p. 29).

O processo de secagem dos discos após a limpeza se dá por meio de um “escorredor

de pratos de plástico revestido de papel mata-borrão virgem (primeiro uso) por 24 horas, em ambiente climatizado, lembrando-se de virar o disco verticalmente após as primeiras 12 horas” (MANINI, 2016, p. 29). Silva (2008, p. 51) alerta que “os discos somente deverão ser acondicionados nas capas quando estiverem completamente secos.”

Por fim, faz-se necessário destacar o alerta de Silva (2019, p. 24) ao afirmar que mesmo “tomando todos os cuidados necessários e possíveis no manuseio, armazenamento e limpeza dos discos, sempre há uma possibilidade de perda por parte do suporte”, sendo assim, o autor alerta para a importância de se reproduzir “cópia como salvaguarda do original, para que a informação nunca se perca”, atualmente, a melhor maneira de se replicar um disco de vinil é a partir do processo de digitalização de seu conteúdo, esse será o tema do próximo subtópico.

- **Digitalização dos suportes sonoros**

A digitalização de acervos fonográficos é o último estágio para a conservação desses suportes, após a implementação de uma política de conservação preventiva, o processo de digitalização de acervos de vinil ajuda a preservar as mídias originais, além de auxiliar na difusão da informação nelas contidas para o maior número de pessoas possível, sem que, para isso, seja necessários o uso contínuo dos LPs.

Buarque (2008) ressalta que, a longo prazo, a preservação dos suportes sonoros só poderá ser alcançada, de forma integral, no campo digital. Segundo o autor, a condição binária dos metadados digitalizados permite que os arquivos sejam “copiados com precisão matemática” (BUARQUE, 2008, p. 46), sem ocorrer perdas de informação na reprodução de um sistema para outro e possibilitando sua reprodução fidedigna.

Kafure e Scarabuci (2009, p. 150) afirmam que a digitalização de suportes sonoros “beneficia na conservação dos suportes de som originais; porém, os autores afirmam que um dos principais problemas enfrentado quanto à digitalização desses suportes decorre “não pela falta de informação, mas por falta de verba ou de tempo”.

Vale ressaltar que o processo de digitalização de vinis se apresenta como uma atividade lenta, que requer uma certa paciência dos digitalizadores, Kafure e Scarabuci (2009, p. 146) afirmam que a digitalização de um vinil comum pode durar “de uma hora e meia a duas horas, dependendo do estado de conservação dos suportes e de como será feita a digitalização”.

Quanto aos softwares para a digitalização de vinis, o que se apresenta como mais viável para a utilização do grande público é o programa denominado Audacity. Kafure e

Scarabuci (2009, p. 146) definem o Audacity como um “software livre disponível em português, que permite, dentre outras coisas, trabalhar com discos de vinil e fitas de diversas rotações.” (KAFURE; SCARABUCI, 2009, p. 147). Além do mais, o Audacity é um programa grátis, fato que o torna mais acessível do que outros que necessitam ser comprados.

Em relação aos Hardwares necessários para digitalização dos LPs, faz-se destaque a um aparelho que reproduz o disco (ex. Tocadisco), a um computador com o programa instalado para leitura e conversão da informação analógica para um formato digital. A transferência da informação pode ser feita de várias formas, a depender das especificações de cada aparelho, por exemplo, se o toca-discos possuir entrada usb, pode-se conectá-lo ao computador e transferir as informações diretamente para ele, caso o tocadiscos seja de um modelo que não possua usb, pode-se utilizar outras formas para realizar a conversão da informação, como cabos conectados a entrada Phono (cabos branco e vermelho), mesa de som e de um mixer de som.

Kafure e Scarabuci (2009, p. 147) destacam que “a opção de remover ruído também é de suma importância para o tratamento dos documentos sonoros, permitindo que o ruído do atrito do disco com a agulha, ou mesmo os sons do ambiente, da gravação original, sejam minimizados ou até eliminados”.

Em relação ao formato digital ideal para informação de suportes sonoros digitalizados, Buarque (2008, p. 48) faz destaque ao formato Wave, esse destaque se dá, uma vez que esse formato não opera “qualquer compressão sonora e por serem mundialmente adotados, são os mais indicados para a preservação desses registros.”

Quanto ao armazenamento das cópias digitais, deve-se adotar a recomendação de Buarque (2008, p. 49), onde o autor recomenda que os arquivos digitais fiquem em um “repositório digital externo” ao ambiente onde se encontra os originais, assim evitando uma dupla perda, caso venha ocorrer algum desastre no local de armazenamento desses elementos.

4 FONOTECA SATYRO DE MELLO: HISTÓRICO E UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

Nessa seção, são apresentados a história da Fonoteca Satyro de Mello e seu o acervo fonográfico, com destaque, à sua importância para a cultura fonográfica paraense, além de descrever as práticas de conservação preventiva adotadas pela instituição em seu acervo de LPs.

4.1 A Fonoteca Satyro de Mello

Pertencente à Fundação Cultural do Estado do Pará, a Fonoteca Satyro de Mello foi criada em 1987 no contexto da construção do Centro Cultural de Turismo Tancredo Neves (Centur). O Centur se caracteriza como um complexo arquitetônico construído, em 1986, para abrigar a antiga Biblioteca Pública do Pará, local que mais tarde veio a chamar-se Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV).

Em 2015, o então governador Simão Jatene, por meio de reformas administrativas⁵, promoveu a fusão do Instituto de Artes do Pará, da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves e do Instituto Curro Velho, formando uma nova instituição intitulada “Fundação Cultural do Pará (FCP)”, nome que denomina o local até os dias atuais.

Figura 1- Prédio da Fundação Cultural do Pará.



Fonte: Fundação Cultura do Pará.

⁵ Maiores informações em: <https://agenciapara.com.br/noticia/9554/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

Segundo Pascoal (2018, p. 31), a Biblioteca Arthur Viana apresenta uma “grande variedade de seções, proporcionando aos seus usuários a possibilidade de usufruírem de setores como Gibiteca, Brinquedoteca, Audiovisual e Fonoteca, sempre visando à acessibilidade e democratização do acesso público”. Em relação à fonoteca Satyro de Mello, Pascoal (2018, p. 31) define esse ambiente como:

Espaço público destinado ao usufruto da música de todos os tempos e gêneros, com o objetivo principal de oportunizar aos pesquisadores e ao público em geral o conhecimento de uma parte significativa do patrimônio musical paraense, nacional e internacional (PASCOAL, 2018, p. 38).

Figura 2 - Entrada da fonoteca Satyro de Mello



Fonte: Dados da pesquisa.

O espaço correspondente à Fonoteca Satyro de Mello foi criado após a compra da coleção de discos de vinil do colecionador Carioca Ricardo Pereira (PASCOAL, 2018; CASTRO; OLIVEIRA, , 2016). Uma vez adquirida a primeira coleção de discos, o acervo cresceu por meio de doações. Castro e Oliveira (2016), estimaram, em 2016, que a Fonoteca reunia aproximadamente 35 mil vinis e 1.300 CDs, além de videocassetes, partituras e CD-ROM.

A Fonoteca Satyro de Mello homenageia o compositor Raimundo Satyro de Mello, paraense, oriundo do município de Cametá. Segundo Castro e Oliveira (2016, p. 169), Satyro de Mello teve grande reconhecimento como orchestrador no Rio de Janeiro por possuir a “habilidade de transformar para a linguagem musical, as composições de outros autores que não sabiam ler e escrever”.

O espaço possui “um pequeno acervo de livros musicais de artistas reconhecidos, dentre estes é possível encontrar biografias de Elis Regina, Vinicius de Moraes, Beatles e o Movimento Tropicália” (CASTRO E OLIVEIRA, 2016, p. 170). Além disso, há no local uma rica coletânea de suportes sonoros de artistas famosos da música popular paraense, como “Nilson Chaves, Leila e Andrea Pinheiro, Maria Lídia, Pinduca, Kim Marques, Mosaico de Ravena, Jane Duboc, Fafá de Belém, Guilherme Coutinho, Orlando Pereira, Nazaré Pereira, Sebastião Tapajós e tantos outros” (PASCOAL, 2018, p. 39).

Dessa maneira, observa-se que a Fonoteca se apresenta como um lugar que comporta um rico tesouro cultural, agradando uma variedade imensa de usuários que buscam o espaço para desenvolver pesquisas, se divertir, descobrir artistas novos e conhecer a história da música regional, nacional e internacional.

4.2 Conservação preventiva no acervo de vinis da Fonoteca Satyro de Mello

A fim de analisar as técnicas de conservação preventiva da Fonoteca Satyro de Mello, foi realizada uma visita ao espaço, em 15 de dezembro de 2021. Durante a visita, foi feita uma entrevista com uma servidora do local, ocasião em que foi possível analisar elementos-chaves para a conservação das mídias de vinil.

A servidora informou que a Fonoteca possuía um acervo de aproximadamente 30 mil exemplares de discos de vinil, sendo essa mídia a mais abrangente e procurada pelos usuários do espaço.

Figura 3 - Espaço da fonoteca Satyro de Mello



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre o perfil dos usuários, a Fonoteca recebe um público variado, constituído por estudantes de música e de escolas, pesquisadores, pessoas em situação de rua, entre outros. Porém, a servidora destacou que, durante o período da pandemia da Covid-19, o público sofreu uma considerável redução, seja pelo desconhecimento da reabertura do espaço, restrições para a entrada no local ou pelo receio de contrair o vírus da Covid-19.

Dentre os artistas mais requisitados pelo público, destacam-se Djavan, Belchior, Michael Jackson, Beatles, entre outros.

Figura 4 - Discos do acervo da fonoteca



Fonte: Dados da pesquisa.

A Fonoteca contém obras de gêneros e artistas regionais, da música popular à erudita, incluindo Teddy Max, Fafá de Belém e o maestro Altino Pimenta, destacando-se na difusão da cultura local.

Observou-se que a Fonoteca destina um armário de ferro específico aos discos regionais cuja descrição é "Acervo de vinis paraenses".

Dentro do armário, foi possível constatar que os discos de vinil estão separados por gêneros musicais, dos mais populares e conhecidos do grande público aos mais eruditos: com destaque ao Brega, Carimbó, Música Clássica, Discos de Festivais, Forró, Instrumental, Lambada, MPP (Música popular paraense), Religioso, Samba e Rock.

Figura 5 - Acervo de discos paraenses



Fonte: Dados da pesquisa.

Durante a pesquisa no acervo, foi possível identificar discos raros da cultura musical paraense, incluindo álbuns de Pinduca, Maestro Waldemar Henrique, Sabino do Acordeon, Jomansan, Frankito Lopes e Mestre Verequete.

Figura 6 - Discos de Artistas regionais



Fonte: Dados da pesquisa.

A servidora da Fonoteca ainda nos informou que, entre os artistas regionais, os mais procurados pelo público são Pinduca, Fafá de Belém e Teddy Max sendo que, dentre os ritmos mais solicitados, destaca-se o brega, seguido pelo carimbó.

No âmbito das atividades de conservação preventiva realizadas pela Fonoteca com o acervo de discos de vinil, o controle da temperatura e umidade do ar não possui instrumentos de controle, como os termo-higrômetro. O local de armazenamento do acervo possui aparelhos de ar condicionado que, segundo a servidora, funcionam apenas entre 7:00 às 20:00, horário em que servidores e estagiários trabalham no local. Durante o restante do período, os aparelhos são desligados, fazendo com que o local sofra alterações de temperatura e umidade relativa diariamente, fatores que, futuramente, podem causar danos à integridade física dos vinis.

Figura 7- Aparelho de Ar Condicionado no ambiente de armazenamento



Fonte: Dados da pesquisa.

A respeito do controle de sujidades (como o acúmulo de poeira), fomos informados de que o local é limpo diariamente com panos úmidos, sem a utilização de vassouras.

Em relação ao armazenamento, observou-se que os discos de vinil são armazenados em uma sala separada do acesso ao público. Nesse local, somente os funcionários da Fonoteca podem entrar, diminuindo a possibilidade de furtos e vandalismos, e contribuindo para a segurança dos acervos. Todavia, a sala de armazenamento é revestida de vidros e possibilita a visão, pelo público, dos itens do acervo. Além disso, visando à integridade dos

vinis, somente servidores e estagiários os manuseiam, assim evitando eventuais furtos e garantir o correto manuseio dos itens do acervo.

Figura 8 - Sala de armazenamento restrita aos funcionários do local



Fonte: Dados da pesquisa.

Para o acondicionamento dos vinis, na ausência de encartes ou proteção dos suportes, os próprios funcionários da Fonoteca, a partir de materiais simples, como papel cartão, papel manteiga e plástico de polietileno, produzem os envelopes que acondicionam os vinis. Isso nos foi demonstrado pela servidora durante a visita.

Figura 9 - Material de proteção dos vinis confeccionada pelos funcionários da fonoteca



Fonte: Dados da pesquisa.

Entretanto, observou-se que muitos dos vinis não são revestidos com o plástico de proteção de polietileno, o que pode ocasionar na deterioração de suas capas.

Figura 10 - Capa de disco sem proteção de polietileno e com sinais de deterioração



Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se que os vinis são catalogados e acondicionados em prateleiras de madeira, cujo material não é recomendado para a conservação dos vinis, uma vez que a madeira pode ser uma fonte acumuladora de umidade, fato que poderá afetar negativamente, não o suporte vinil em si, mas sim as suas capas, feitas, na grande maioria, de material derivado da celulose (papel) que, em contato com a umidade, pode acarretar na proliferação de fungos de difícil remoção e na deterioração das capas dos vinis.

Figura 11 - Prateleira de madeira que armazena os suportes vinis



Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda sobre a sala de armazenamento, observou-se a existência de muitos exemplares acondicionados em caixas de papelão no chão, contribuindo para possíveis danos decorrentes do nível de umidade.

Figura 12 - Discos armazenados em caixas de papelão no chão



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre questões relacionadas às políticas de prevenção contra desastres, foi informado que a Fundação Cultural do Pará contrata uma empresa terceirizada para a realização de vistorias no local semestralmente. Além disso, observou-se que o local possui extintores de incêndio na sala de pesquisa e na de armazenamento. Não foi constatado nenhum problema envolvendo as instalações elétricas, nem quanto à infiltração de água.

Figura 13 - Extintores de incêndio no espaço da fonoteca Satyro de Mello



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às técnicas de limpeza e higienização dos vinis, fomos informados de que as mídias, ao serem adquiridas, recebem um tratamento que inclui a avaliação de sua integridade quanto a presença de sujidades. Caso sejam constatados elementos estranhos aos vinis, esses itens recebem um tratamento de limpeza que inclui a sua lavagem em uma pia com água corrente que utiliza sabão neutro e álcool 70%. Uma vez higienizados, os vinis são colocados em escorredores de pratos para o processo de secagem que pode durar entre 6 a 12 horas.

Figura 14 - Pia de higienização dos vinis



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 15 - escorredor de discos



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação aos reprodutores dos vinis, a Fonoteca possui seis aparelhos adquiridos em 2016 que não têm recebido manutenção.

Figura 16 - Reprodutores dos vinis



Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, a servidora nos informou que, no momento, não existe um projeto de digitalização dos vinis, o que pode restringir a difusão desse suporte para além do público presencial, e da sua preservação, uma vez que o uso contínuo dos itens originais ocasiona a sua degradação.

8 CONCLUSÃO

Como apresentado no decorrer deste trabalho, a Fonoteca Satyro de Mello se apresenta como um importante centro de difusão cultural por meio da oferta de suportes sonoros, possibilitando aos seus frequentadores a oportunidade de conhecer e explorar uma rica variedade de artistas e ritmos musicais através da oferta dos mais variados tipos de mídias sonoras, entre elas o disco de vinil.

Por essa razão, a conservação dessas mídias é fundamental para assegurar e salvaguardar a integridade e a informação nelas contidas. Acreditamos que uma atenção especial deve ser dada aos discos de vinil que constituem o suporte com maior número de exemplares da Fonoteca (cerca de 30 mil exemplares), além de ser o suporte mais requisitado pelos usuários do local.

Por meio de uma análise dialética entre a bibliografia levantada referente às técnicas e práticas de conservação preventiva em discos de vinil atrelada à visita de campo, constatamos que a Fonoteca Satyro de Mello possui boas práticas de conservação que contribuem para a preservação e manutenção do acervo. Também foi possível observar algumas fragilidades, especialmente no tocante ao controle do ambiente, armazenamento e acondicionamento dos discos de vinil.

Dentre os pontos positivos, destacamos um eficaz sistema de controle contra furtos e vandalismo ao impossibilitar o manuseio dos discos de vinil pelos usuários, contribuindo para a integridade física do acervo. Também ressaltamos o cuidado dos funcionários em relação à higienização dos suportes, realizada em uma sala específica. Outro ponto positivo são os cuidados da administração da Fundação Cultural do Pará contra eventuais desastres, empregados semestralmente.

Quanto às áreas que podem ser melhoradas, observamos o controle de temperatura e umidade relativa, pois os aparelhos de ar condicionado são desligados no período em que o prédio não está em funcionamento. Outra fragilidade é o armazenamento dos discos de vinil em estantes de madeira que podem acarretar em danos nas capas dos LPs por ser uma fonte acumuladora de umidade. Além disso, observou-se que alguns álbuns estão armazenados em caixas de papelão no chão, o que, a longo prazo, pode deteriorar esses itens. Por fim, destacamos a ausência de um projeto de digitalização que poderia, além de ampliar o acesso ao acervo de forma remota, contribuir para a sua preservação.

A partir das constatações expostas, sugerimos a adoção de algumas diretrizes que elevem a conservação preventiva do acervo: a implementação de aparelhos de controle e

acompanhamento de temperatura e umidade relativa, como os termo-higrômetro; a instalação de estantes de armazenamento apropriadas e o acondicionamento dos álbuns que estão em caixas de papel e no chão, em estantes.

Por fim, acreditamos que esse trabalho seja uma fonte de contribuição para estimular a discussão da temática de conservação preventiva de discos de vinil no campo de estudos arquivísticos, vale ressaltar os trabalhos anteriores dessa temática apresentados na faculdade de arquivologia, como o de Guimarães (2016) intitulado “Análise das Estratégias de Preservação do Acervo em Discos de Vinil na Fonoteca Satyro de Mello” onde a autora abordou, sob sua perspectiva, as práticas de conservação dos discos de vinil presentes na fonoteca. Esperamos que por meio deste trabalho outros possam ser desenvolvidos pensando na preservação dos suportes custodiados pela fonoteca, como sugestão, sugerimos a temática da digitalização das mídias analógicas presentes no espaço, uma vez que, até o presente momento, não há um projeto visando essa atividade no local.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Marco Dreer. Documentos sonoros: Características e estratégias de preservação. **PontodeAcesso**, v. 2, n. 2, p. 37-50, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3021>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- BUARQUE, Marco Dreer. Estratégias de preservação de longo prazo em acervos sonoros e audiovisuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL (9:2008; São Leopoldo, RS). **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral; São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2008. 9f. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6818>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- CASSARES, Norma. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000. Disponível em: <http://www.vsilva.com.br/dados/Como%20Fazer%205%20Conservar.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- CASTRO, Jetur; OLIVEIRA, Alessandra. A música como fonte representativa de informação: o caso da Fonoteca Satyro de Mello no CENTUR/FCPTN. **Informação Profissões**, Pará, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/handle/2011/9936>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- CLOONAN, Michèle. Preservando documentos de valor permanente. **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 107-134, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/13671>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- COOK, Terry. A ciência arquivística e o pós-modernismo: novas formulações para conceitos antigos. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 3, n. 2, p. 3-27, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48651>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- CUNHA, Murilo; CAVALCANTI, Cordélia. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/39971961/DICION%C3%81RIO_DE_BIBLIOTECONOMIA_E_ARQUIVOLOGIA. Acesso em: 11 jun. 2022.
- DANTAS, Danilo. MP3, a morte do álbum e o sonho de liberdade da canção. **Anais do V Encontro da ENLEPICC**, 2005. Disponível em: <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/DaniloFragaDantas.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- BRITO, Luciana. Arquivos especiais: caracterização e identificação dos suportes, das formas e dos formatos. **PontodeAcesso**, v. 6, n. 1, 2012, p. 126-155. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4970>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- DE MARCHI, Leonardo. A angústia do formato: uma história dos formatos fonográficos. **E-Compós**, v. 2, 2005. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/29>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 11 jun. 2022.
- GOMES, Rodrigo. Do fonógrafo ao MP3: algumas reflexões sobre música e tecnologia. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**—ISSN, v. 2238, p. 1198, 2014. Disponível em: http://www.rbec.ect.ufrn.br/data/_uploaded/artigo/N5/RBEC_N5_A6.pdf. Acesso em: 11 jun. 2022.

GUIMARÃES, M. N.; SANTOS JÚNIOR, R. Estratégias de preservação no acervo em disco de vinil na Fonoteca Satyro de Mello. **Folha de Rosto**, v. 6, n. 3, 28 dez. 2020, p. 128-140. Disponível em: <<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/512>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

MANINI, Miriam. Preservação de documentos especiais. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, p. 528-563, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/download/2427/2165>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

MARIZ, Anna Carla; VIEIRA, Thiago. A construção da noção de documentos especiais na Arquivologia. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 9, p. 287-302, 2015. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e09_a15.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.

Ouçã a mais antiga gravação da voz humana, feita em 1860. **Revista Galileu**, 19 Ago. 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2020/08/ouca-mais-antiga-gravacao-da-voz-human-a-feita-em-1860.html>>. Acesso em: 16 Jun. 2022

PASCOAL, Ricardo. **A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DE MULTIMEIOS NA BIBLIOTECA ARTHUR VIANA: desafios ao atendimento ao usuário**. 2018. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia. Universidade Federal do Pará, Pará, 2018. Disponível em: <<https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/1315>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

PESSI, Helena. Conservação preventiva. **ÁGORA: Arquivologia em debate**, v. 12, n. 25, p. 17-17, 1997. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/repositorio/2017/05/pdf_c39b6e1045_0000014876.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.

PICCINO, Evaldo. Um breve histórico dos suportes sonoros analógicos: surgimento, evolução e os principais elementos de impacto tecnológico. **Sonora**, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/sonora/article/view/626>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

QUINES, Sarah. Admirável vinil novo: o retorno dos discos na era do mp3. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 10, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/3176>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

Reforma Administrativa moderniza estrutura e equilibra contas públicas. **Agência Pará**, Belém, 03 fev. 2015. Disponível em: <<https://agenciapara.com.br/noticia/9554/>>. Acesso em: 16 jun. 2022

RIBEIRO, Dreyson. **CONSERVAÇÃO EM ACERVOS FONOGRÁFICOS: preservar para não restaurar**. 2016. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) - Curso de Bacharelado em Arquivologia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2016. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufpb.br/arqv/contents/documentos/111DreysonRibeiroRodrigues.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SCARABUCI, Marcelo; KAFURE, Ivette. Diretrizes para digitalizar e conservar os suportes de som. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 140-152, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pci/a/zFTBNkq7CY4QZx4B5zL5ySg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11

jun. 2022.

SILVA, Raoni. **DOCUMENTOS SONOROS: Preservação e conservação de discos fonográficos em vinil.** 2019. Monografia (Bacharelado em Arquivologia) - Curso de Arquivologia, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19470>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SILVA, Sérgio. A preservação da informação. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 18, n. 22, p. 177-190, 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2250/1332>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SILVA, Sérgio. A preservação e o acesso de acervos fonográficos – relato de pesquisa. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 35-58, 2008.

ST-LAURENT, Gilles. **Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro.** Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2º ed, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2017/07/43.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.

TROVÃO, Victor. O RETORNO DOS DISCOS DE VINIL: CADA VEZ MAIS A MODA VOLTA À TONA. **Antena 1**, 05 abr. 2022. Disponível em: <https://www.antena1.com.br/noticias/o-retorno-dos-discos-de-vinil-cada-vez-mais-a>

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista realizada durante a visita à Fonoteca Satyro de Mello

Informações sobre o entrevistado:

Nome:

Função no Local:

Tempo de atuação no espaço:

1) QUESTÕES GERAIS:

1.1 O acervo:

1.1.1 Qual a estimativa da quantidade de discos de vinil do acervo?

1.1.2 O acervo de discos de vinil está catalogado? Se sim, há algum instrumento de pesquisa? Se não, há previsão de tratamento do acervo?

1.1.3 A fonoteca ainda faz aquisições ou recebe doações para sua coleção?

1.2 Sobre os usuários:

1.2.1 Dentre os suportes sonoros, qual o mais procurado pelos?

1.2.2 Qual a estimativa do público que frequenta o espaço diariamente?

1.2.3 Qual o perfil dos usuários?

1.2.4 Qual o gênero musical e os artistas mais solicitados?

2) QUESTÕES SOBRE OS FATORES AMBIENTAIS:

2.1 Controle de temperatura e umidade relativa:

2.1.1 Há controle de temperatura e umidade relativa no local de armazenamento dos discos de vinil?

2.1.2 O local de armazenamento possui um sistema de ar condicionado? Se sim, ele fica constantemente ligado? Há variações constantes de temperatura e umidade relativa?

2.1.3 O local possui aparelhos de medição de temperatura e umidade relativa, como o termo-higrômetro?

2.2 O controle de sujidade no ambiente:

2.2.1 Com qual frequência é feita a limpeza do local?

2.2.2 Como ela é realizada?

3) QUESTÕES SOBRE O ARMAZENAMENTO E ACONDICIONAMENTO

3.1 O armazenamento:

3.1.1 Onde o acervo de vinil está armazenado?

3.1.2 Como são as prateleiras de armazenamento?

3.1.3 O local possui políticas de segurança que envolvem a manutenção periódica das instalações elétricas, controle de incêndio (instalação de extintores e sprinklers) e controle contra alagamentos?

3.1.4 Com que frequência são realizadas vistorias para a prevenção de desastres?

3.2 O acondicionamento:

3.2.1 Como é realizado o acondicionamento dos vinis? (em caixas, de forma vertical nas prateleiras...)?

3.2.2 Existem procedimentos contra furto e vandalismo?

3.2.3 Os discos de vinil são revestidos por plástico polietileno (aquele plástico que utilizado nas embalagens dos discos de vinil)?

4) QUESTÕES SOBRE O MANUSEIO E LIMPEZA DOS VINIS

4.1 O manuseio:

4.1.1 Quem tem permissão para manusear os discos de vinil? Os usuários também podem manuseá-los?

4.1.2 As pessoas que manuseiam os vinis receberam algum tipo de treinamento?

4.1.3 Antes de coloca-los nos aparelhos reprodutores, os discos de vinil passam por alguma atividade de limpeza?

4.4 Como se dá a manutenção dos aparelhos reprodutores dos vinis? Eles são novos? Com que frequência as manutenções acontecem, há um tipo de cuidado com as agulhas dos aparelhos e quantos deles a Fonoteca possui?

4.2 A higienização e limpeza dos vinis:

4.2.1 Os discos de vinil recebem algum tratamento de higienização?

4.2.2 Se sim, como ele acontece?

5) QUESTÕES SOBRE A DIGITALIZAÇÃO DOS VINIS

5.1 O local possui cópias digitalizadas dos vinis? se sim, onde os usuários podem acessar esse conteúdo? Se não, existe previsão de implementar um projeto de digitalização?